

NOTAS PRÉVIAS.

## PAISAGENS DO RIO GRANDE DO SUL (IMPRESSÕES DE VIAGEM)

AROLDO DE AZEVEDO

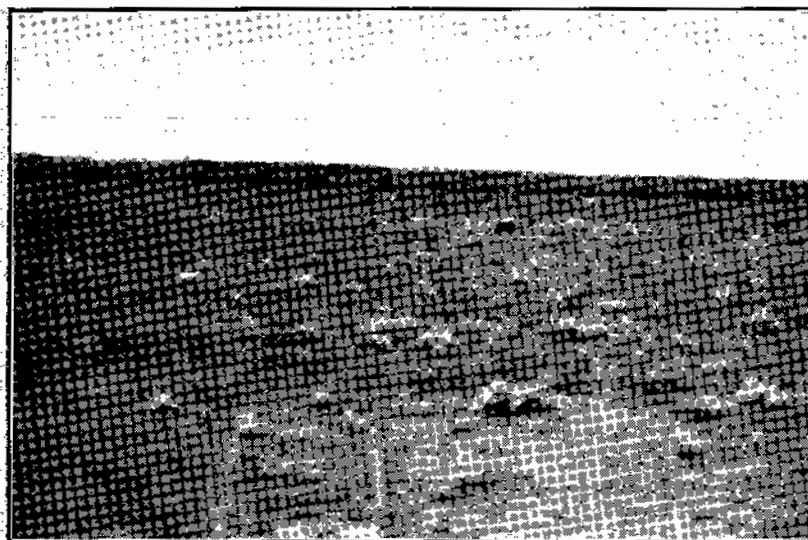
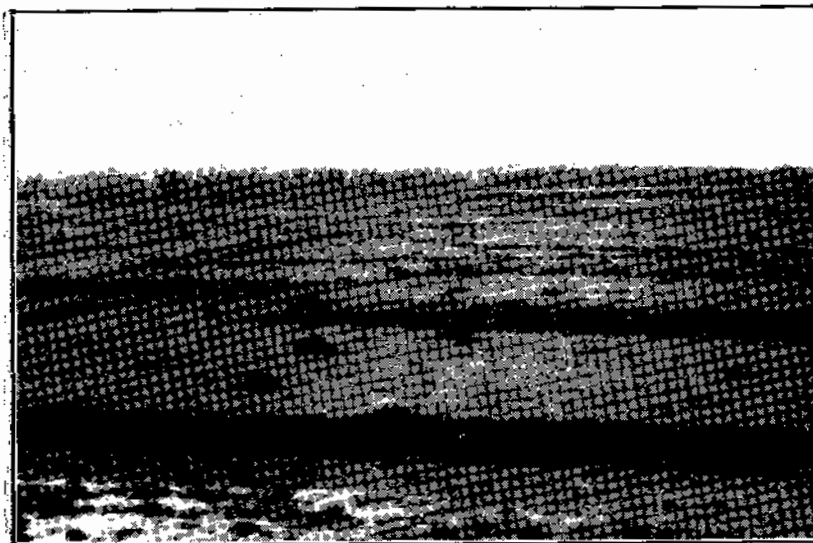
*As presentes notas, resultado de rápida viagem realizada através do Rio Grande do Sul, foram oferecidas à VII.ª Assembléia Geral Ordinária da A. G. B., reunida em Campina Grande (janeiro de 1952), que as considerou dignas de figurar em seus "Anais".*

É bem conhecida a pobreza da bibliografia geográfica referente ao Rio Grande do Sul. Além de estudos de caráter geológico e de trabalhos de natureza histórica e sociológica, apenas podem os geógrafos contar com estudos morográficos, de profundidade variável e de caráter nem sempre estritamente geográfico. Como obra de conjunto, o livro de WOLFGANG H. HARNISCH — "O Rio Grande do Sul — A Terra e o Homem" (Liv. do Globo, Porto Alegre, 1941), embora escrito por um não especialista, continua a prestar bons serviços a quem deseje obter uma idéia geral a respeito dos aspectos marcantes da geografia humana sul-riograndense. No mais, são as páginas naturalmente reduzidas de obras gerais, como as de PIERRE DENTS e PRESTON JAMES, que continuam a fornecer melhores subsídios.

Por isso tudo, não sentimos constrangimento em escrever as presentes *Notas prévias*, que contém exclusivamente algumas impressões deixadas por uma viagem levada a efeito através de larga porção do Rio Grande do Sul, no mês de outubro de 1951.

Durante os dias em que estivemos em Porto Alegre, ao tomar parte na "Semana de Estudos Geográficos" organizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, foi-nos dado o prazer de percorrer, em automóvel, as áreas de São Leopoldo, Novo Hamburgo e Caxias do Sul. Em seguida, utilizando a via-férrea, percorremos o vale do Jacuí, fazendo paradas de 24 horas nas cidades de Rio Pardo, Cachoeira do Sul e Santa Maria; nesse ínterim, utilizando a rodovia, alcançamos Santa Cruz do Sul e a área municipal de Júlio de Castilhos, já no Planalto. Finalmente, viajando no Trem Internacional, deixamos Santa Maria e percorremos o Planalto do Alto Uruguai, até Marcelino Ramos, de onde prosseguimos rumo a São Paulo.

Gastando duas semanas nessa excursão (uma das quais em sua maior parte dedicada à referida "Semana de Estudos Geográficos"), não nos foi possível colher mais do que simples *impressões de viagem*. Oferecendo-as à Sétima Assembléia Geral Ordinária da A. G. B., pretendemos tão somente transmitir uma parcela de nosso encantamento pelas áreas percorridas e despertar, atrá-



*Os grandes horizontes da Depressão Central*

No alto, a planície do baixo Jacuí, com seus canais de drenagem. Em baixo, campinas da Depressão Central. (Fotos do autor).

vés das observações feitas e das fotografias colhidas, junto àquelas que ainda não as conhecem, o desejo de visitá-las e de estudá-las de maneira mais aprofundada.

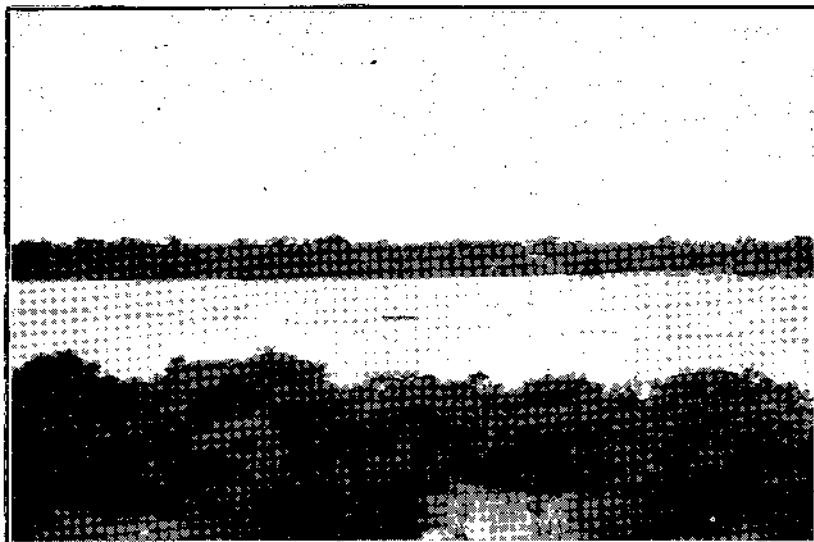
**O Guaíba e o delta do Jacuí.** — A cidade *Pôrto Alegre* acha-se estreitamente ligada ao chamado rio Guaíba; nasceu às suas margens, há mais de dois séculos; viveu sempre em função dele, quer para os contatos com o exterior (através das águas da Lagoa dos Patos), quer para as comunicações com o "hinterland" gaúcho (através do vale do Jacuí); e continua a tê-lo como base de sua expansão, pois os mais belos e procurados de seus subúrbios acompanham as águas fluviais, numa extensão de cerca de 40 km.

Um anfiteatro de morros cristalinos constitui o cenário natural da capital sul-riograndense, fechando o seu horizonte para as bandas de leste. Dentro dele, uma série de colinas, de contornos suaves, constituídas por terrenos paleozóicos, caracterizam a topografia urbana. O núcleo principal da cidade — com suas largas avenidas, numerosos arranha-céus, intenso movimento, graças à presença das melhores casas comerciais, das principais repartições públicas, dos escritórios, dos dois Mercados e das instalações portuárias — acha-se colocado no próprio berço da aglomeração, por sobre um promontório que avança em direção ao rio. Dêsse "coração" da cidade, partem as artérias que vão ter aos bairros periféricos e aos subúrbios. Uma população de 382.000 pessoas vive na sede municipal, cujo território abrange um total de mais de 400 mil (1). Por isso mesmo, *Pôrto Alegre* alinha-se entre as maiores cidades brasileiras e, certamente, não tardará a ocupar o quarto lugar, ultrapassando a velha capital da Bahia.

Não é nosso objetivo, porém, estudar aqui a capital do Rio Grande do Sul, que bem merece u'a monografia, por sua importância local e regional. Queremos focalizar, somente, o grande elemento de seu quadro natural — o *Guaíba*.

Na geografia brasileira, o Guaíba ocupa uma posição toda especial: os mapas chamam-no de "rio", embora, na verdade, não passe de um largo *estuário*, cujo aspecto faz lembrar, "mutatis-mutandis", a *Gironde*. Sua extensão não vai além de 50 km, sua largura média pode ser avaliada em 10 km. Resulta da junção das águas de pelo menos quatro rios — o Jacuí, o Cai, o dos Sinos e o Gravataí, os mesmos que a tradição diz justificar o nome do velho núcleo de *Viamão*, se a eles acrescentarmos o próprio *Guaíba*. A

(1) Os dados referentes às populações das cidades foram extraídos da *Síntese Preliminar do Censo Demográfico*, publicada pelo Conselho Nacional de Estatística (Rio, 1951).



*O rio Jacui.*

A importante artéria da Depressão sul-riograndense põe o "coração" do Estado em fácil contato com Porto Alegre. Na fotografia aparece um aspecto do porto de Cachotira do Sul, grande centro rizícola. (Fotos do autor).

origem desse largo e tranquilo estuário constituiu um dentre muitos outros problemas, que a geografia precisa resolver com dados científicos.

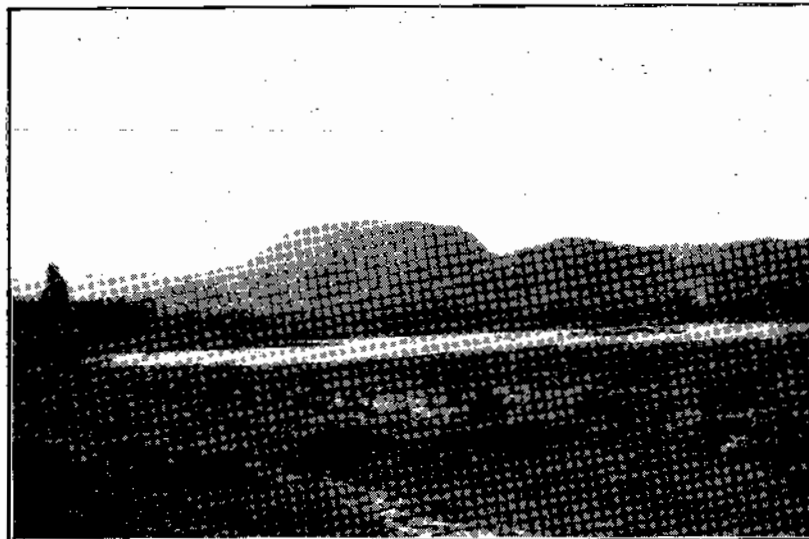
Tal problema assume um aspecto mais atraente se levarmos em conta que o estuário do Guaíba inicia-se numa região tipicamente deltaica, num verdadeiro *delta interior*. Com efeito, o ponto em que se concentram as águas do Jacuí, do Caí, do dos Sinos e do Gravataí corresponde a um dedalo de ilhas baixas, visivelmente resultantes da acumulação de aluviões carreadas pelas águas fluviais (2). Torna-se preciso consultar uma carta de detalhe ou, melhor ainda, sobrevoar esta área, tal como o fizemos, para se sentir a presença desse delta interior. Por que motivo existe êle, antecedendo a larga abertura constituída pelo estuário do Guaíba? Eis outro problema que se torna preciso esclarecer.

Em todo esse trecho, percebe-se o domínio absoluto da água e pode-se avaliar a luta que o homem tem de manter para conseguir sobreviver. Daí a presença de canais de drenagem e o aparecimento de uma paisagem que muito faz lembrar a dos "polders" da Holanda. Foi esta, pelos menos, a nossa impressão, ao observá-lo de avião, ou ao percorrer pela via-férrea um dos trechos que a margeiam.

**Os grandes horizontes da Depressão Central.** — O estuário do Guaíba e o delta interior do Jacuí constituem a "sala de entrada" da chamada *Depressão Central* do Rio Grande do Sul, aquilo que poderíamos também denominar de *Depressão do Jacuí*, desde que este rio, com o seu afluente (?) Vacacaí Grande, representa o seu principal elemento fisiográfico. É a estreita faixa de terrenos predominantemente paleozóicos, que se alonga no sentido geral de E-O, encaixada entre o Planalto arenito-basáltico, ao norte, e o Núcleo cristalino Rio-grandense, ao sul. Para quem a percorre, acompanhando mais ou menos de perto a corrente fluvial, a encosta daquele planalto está sempre presente, de maneira marcante, no limites do horizonte; ao passo que, para o lado sul, só muito longinquamente podem-se perceber as elevações cristalinas.

Essa depressão é caracterizada por um relêvo de altitudes relativas muito modestas e pela presença da planície fluvial, do que resulta uma notável larguesa de horizontes. A essa monotonia de aspectos vem-se juntar um outro elemento, que serve para acentuar-lhe o característico: a existência de intermináveis *campinas*,

(2) Por sua extensão, destacam-se as ilhas do Lajes, Grande dos Marinheiros, do Quilombo, das Flores, da Casa da Pólvora e do Pavão.



*Aspectos do relevo regional*

No alto, "testemunhos" tabulares da Depressão Central. Em baixo, trecho do Planalto ao entrar em contato com a Depressão. (Fotos do autor).

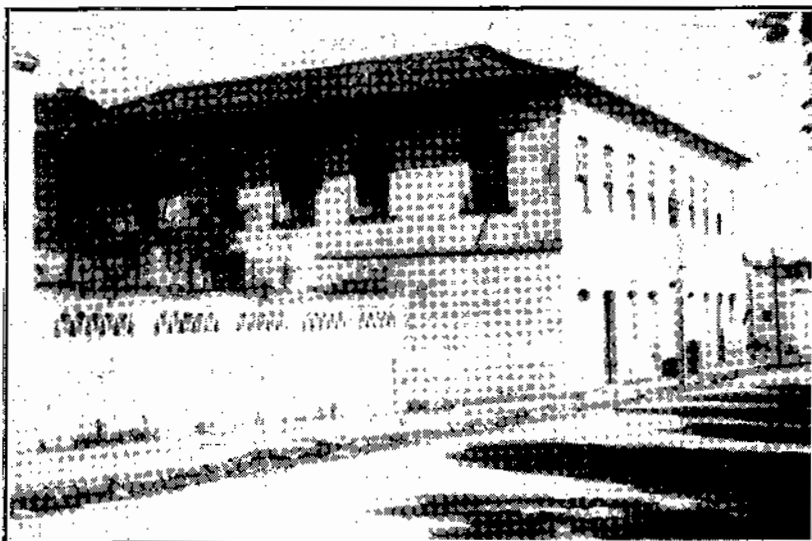
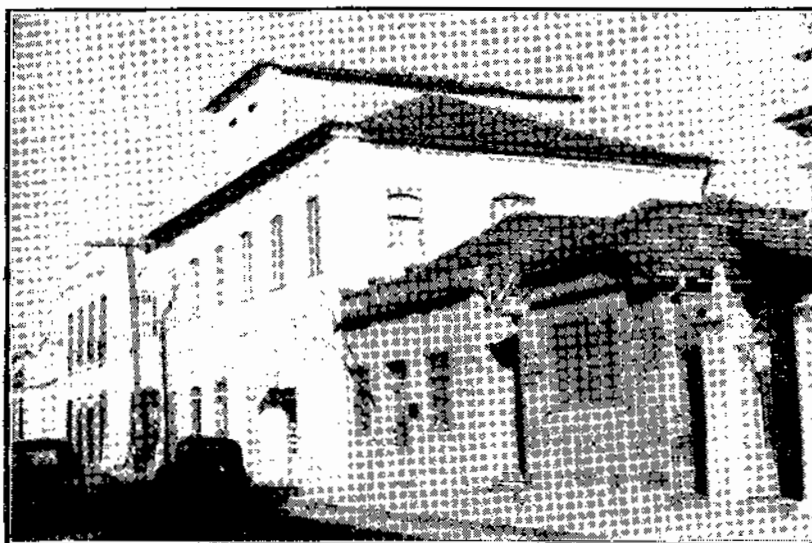
constituídas por uma vegetação erbácea rasteira, enfeitadas de florinhas amarelas e brancas na época em que lá estivemos, onde o gado bovino reponta de maneira escassa, dado o caráter extensivo da criação. Por quilômetros e quilômetros, junto à via-férrea, sucedem-se as colinas levemente abaúladas — as “lombas”, no meio das quais surgem depressões muito abertas — os “banhados”. Testemunhos provavelmente arenito-basálticos e eucaliptais esparsos são os únicos elementos capazes de quebrar a monotonia desses grandes horizontes da Depressão Central.

A rede de drenagem do Jacuí corresponde a outro problema da geografia gaúcha. Suas cabeceiras encontram-se no Planalto arenito-basáltico, na região de Passo Fundo, onde aparece com o nome de Jacuízinho, correndo no sentido geral de N-S, com um caráter francamente “consequente”. Depois de vencer as escarpas desse Planalto, atinge a Depressão, através da qual passa a ter um caráter “subsequente”, a exemplo do rio Vacacaí Grande, considerado como seu afluente, embora tudo pareça indicar que este curso d’água deva ser considerado o seu trecho superior, conforme, aliás, já foi afirmado por VIKTOR LEINZ (3). Uma vez atingida a Depressão, passa a correr no sentido O-E, recebendo uma abundante rede fluvial; os maiores afluentes procedem do Planalto, entrando-lhe pela margem esquerda, como é o caso do Pardo, do Taquarí (o mais extenso de todos) e dos que o alcançam na região deltaica. A jusante de Cachocira do Sul, seu curso passa a ser francamente navegável, desenvolvendo-se através de uma planície aluvional, que se vê inundada por ocasião das chuvas do fim do ano. Por isso mesmo, o Jacuí aparece como a grande artéria natural da Depressão Central e serve de escoadouro às suas mais importantes riquezas — o carvão e o arrôz.

Não tivemos oportunidade de percorrer a área carbonífera do arrôio dos Ratos, onde se encontram as minas de São Jerônimo e de Butiá; mas pudemos perceber a existência de um sistema de transporte, por meio de cabos de aço e de caçambas, que conduz o carvão da margem direita para junto à linha férrea, na estação de Silo, logo a montante da confluência do Taquarí e não longe da cidade de Triunfo.

Já o arrôz constitui a maior riqueza da região de Rio Pardo e Cachoeira do Sul, ocupando a planície aluvional, sobretudo à margem

(3) LEINZ (Viktor), *Contribuição à Geologia dos Derrames Basálticos no Sul do Brasil*, tese de concurso à cátedra de Geologia e Paleontologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo — 1949, pág. 48.



*Velhos sobrados de Rio Pardo*

Mesmo sem conhecer a história de Rio Pardo, quem a percorrer sente que tem diante de si um centro urbano cheio de tradições gloriosas. (Fotos do autor).

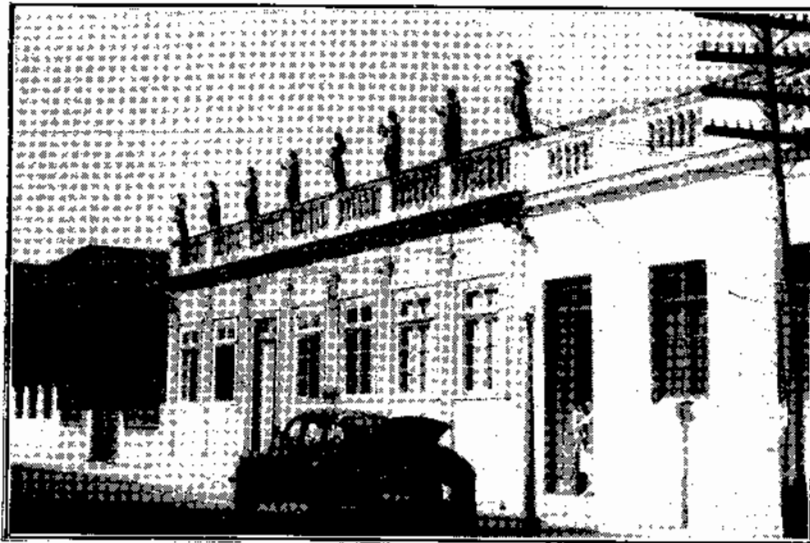




(Mapa elaborado pelo prof. João Soukup).

direita do Jacuí. É ele que dá movimento aos pequenos portos dessas duas cidades.

*Rio Pardo* está colocada sobre um testemunho de arenito triássico, que se eleva bem próximo às águas do Jacuí. O topo da elevação contém o trecho comercial e administrativo da pequena cidade (8.500 hab.), com suas ruas calçadas a paralelepípedos e suas melhores lojas. Em nível mais baixo, que se vê alcançado por ruas em ladeira, encontram-se, do lado norte, o bairro da Estação ferroviária e, do lado sul, o trecho em que aparece a velha Matriz. Em continuação



*Aspectos da Cachoeira do Sul*

No alto, a movimentada Rua Sete de Setembro. Em baixo, uma habitação que bem simboliza uma época de sua evolução urbana. (Fotos do autor).

dêste último, atinge-se o terceiro nível — o da planície fluvial, onde se acha o pôrto, com alguns trapiches, local de intenso movimento, graças às carroças e caminhões que até ali vão levar ou apanhar mercadorias, e ponto onde trafega uma balsa que conduz os ônibus destinados à cidade de Encruzilhada.

Trata-se de uma das mais antigas cidades sul-riograndenses, que se orgulha de haver abrangido, em sua área municipal, pelo menos um terço do atual Estado e onde podem ser encontrados os testemunhos de um passado glorioso, através de seus templos, de seus grandes sobrados senhoriais e do antigo Colégio Militar, aspectos que DANTE DE LAYTANO estudou com detalhes e competência (4). Sua principal artéria é a Rua Júlio de Castilhos, colocada no tópo da elevação arenítica em que se apoia. O elemento negro, reminiscência de seu passado, aparece com frequência na massa da população urbana, cujo total não atinge 9 mil almas. Mas a marca gaúcha está presente, como em toda a região, graças ao uso vulgarizado das "bombachas" (5).

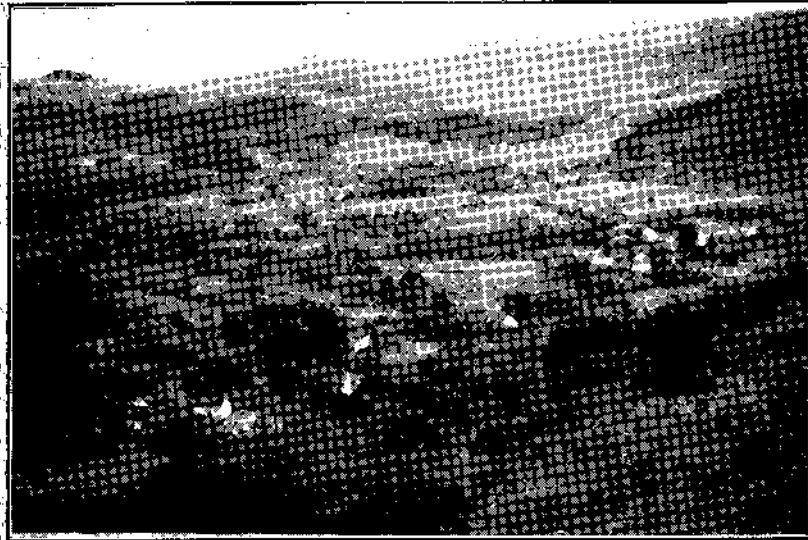
Muito mais vida e movimento apresenta a localidade próxima de *Ramiz Galvão* (antiga Couto), distrito do município riopardense, devido ao fato de sair dali a linha férrea que a põe em contato com a importante cidade de Santa Cruz do Sul, já na encosta do Planalto.

*Cachoeira do Sul* representa outro exemplo dessas cidades que fazem parte da área cultural tipicamente portuguesa, conforme mostrou muito bem THALES DE AZEVEDO (6). Seu aspecto lembra o da cidade paulista de Campinas. Trata-se, como Rio Pardo, de uma cidade em acrópole, dominando a planície do Jacuí. O Largo da Matriz (Praça Baltasar de Bem) é o trecho mais alto do centro-urbano, embora seja o Alto dos Loretos, bairro suburbano situado ao norte, para além da ferrovia, o trecho mais elevado da região. As calçadas da cidade são feitas com o arenito de Botucatu e velhas habitações atestam a antiguidade de seu povoamento. Rio Branco é o bairro aristocrático, destacando-se por suas belas residências. Entretanto, o que realmente dá vida à cidade de Cachoeira do Sul (cuja população urbana é de 24.000 hab.) é o arrôz; ali se processa

(4) LAYTANO (Dante de), *Almanaque de Rio Pardo*, Porto Alegre, 1946.

(5) Quem percorre o interior do Rio Grande do Sul, tem sua atenção chamada não apenas para o uso das "bombachas", como também para o costume de tomar o "chá-marrão", por meio das típicas bomba e cuita; o fato se registra nos próprios hotéis e nos vagões da estrada de ferro. Mais que tudo, porém, impressiona o hábito de servirem-se da mesma bomba e cuita as pessoas que fazem parte do mesmo grupo, nos hotéis ou nos vagões...

(6) AZEVEDO (Thales de), *Guachos* (Notas de antropologia social), Bahia, 1943 — pág. 36 e seguintes.



*Elementos da paisagem na região colonial*

Na região serrana, povoada por alemães e italianos e seus descendentes, assiste-se à luta entre a agricultura e a floresta. Em baixo, casas de madeira de Caxias do Sul. (Fotos do autor).

o beneficiamento desse cereal, em numerosos e bem instalados "engenhos", o maior dos quais é o Engenho Roesch. A rizicultura é feita através de grandes propriedades, pertencentes hoje a cooperativas; não correspondem a nenhum centro de povoamento, caracterizando-se apenas pelos extensos arrozais estabelecidos nas várzeas inundáveis do Jacuí e do Vacacaí Grande. Cachoeira do Sul ufana-se, com razão, de ser o maior empório rizícola de todo o país.

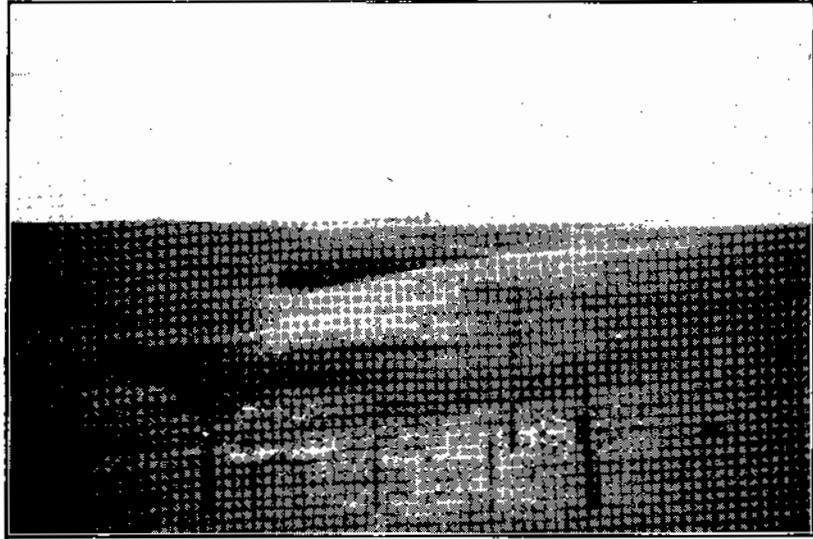
**A "Zona da Mata" do Rio Grande do Sul.** — No Rio Grande do Sul, a floresta surge tanto na encosta do Planalto arenito-basáltico, como nele próprio, na área drenada pelo alto Uruguai.

A transição entre a Depressão e o Planalto faz-se de maneira relativamente suave: esporões montanhosos, constituídos por arenitos da série de São Bento, acabam por se transformar na própria escarpa planáltina, mais fortemente trabalhada pelas erosões, cujos topos erguem-se numa altitude relativa de 300 metros, no centro do Estado, constituindo as chamadas "serras" de Botucaraí e São Martinho. Essa área constitui a moldura setentrional da Depressão, desde as vizinhanças do Atlântico (onde o desnível chega a ser de 800 m), até à região das cabeceiras do rio Vacacaí Grande, já nos domínios da "Campanha".

A cidade de *Santa Maria* (46.000 hab.) oferece, a quem vem de percorrer o vale do Jacuí, a agradável surpresa de encontrar um centro progressista, movimentado e culto. Acha-se colocada exatamente nessa área de transição, na "boca do monte", conforme muito acertadamente observaram os que lhe deram o primitivo nome, desenvolvendo-se por sobre uma típica "lomba", ao pé dos contrafortes da Serra de São Martinho. Uma larga avenida — a Avenida Rio Branco, aberta no sentido N-S, contém o "coração" da cidade, e corresponde ao primitivo caminho dos que demandavam o Planalto; a velha Rua do Acampamento lembrava, até pouco tempo, as origens do povoamento local, pois a semente da cidade foi o acampamento das tropas encarregadas da demarcação das fronteiras entre os domínios setecentistas de Portugal e da Espanha (7). É o centro geográfico do Estado, importantíssimo nó de comunicações, sede da Região Militar, verdadeira "capital" regional, com intensa vida urbana e considerada a metrópole escolar do Estado.

Olhada em seu conjunto, essa área dominada pelas formações arbóreas caracteriza-se, sob o ponto de vista antropogeográfico, pela

(7) Veja BELÉM (J.), *História do Município de Santa Maria (1797-1933)*, Liv. Schach, Porto Alegre, 1933.



*Os grandes horizontes do Planalto*

No Planalto, reaparecem as campinas infindas, cuja monotonia só é quebrada pela presença de importantes centros pastoris — as "estâncias". (Fotos do autor).

presença do *colono de origem européia* e, com êle, pela luta travada entre a agricultura e a floresta. Os de origem alemã predominam logo ao norte de Pôrto Alegre, na área de São Leopoldo e Novo-Hamburgo, ou mais para o interior, na área de Santa Cruz do Sul. Os de origem italiana já aparecem na encosta e no próprio Planalto, entre os altos cursos do Taquari e do Cai, na região de Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves. Uma paisagem altamente humanizada, graças ao predomínio da pequena propriedade, com certo ar do "bocage" francês; importantes culturas de vinha e uma poderosa e variada indústria (como a de artefatos de couro em São Leopoldo e Novo-Hamburgo, a vinícola na área de influência italiana, a de artefatos de metais em Caxias do Sul) atestam a importância econômica dessa região colonial, estudada com pormenores por ORLANDO VALVERDE (8). Já na área de Santa Cruz do Sul é a cultura do tabaco a grande riqueza, dela derivando uma ativa indústria manufatureira, que também trabalha com a borracha.

Devido à intensidade desse povoamento e à conseqüente ocupação de um solo mais beneficiado pelas chuvas, trazidas pelas massas de ar oriundas da frente sul, a floresta sub-tropical que encobria a região em foco aparece muito devastada.

*São Leopoldo* (20.000 hab.) e *Novo Hamburgo* (20.000), situados ao pé do Planalto, não oferecem em sua fisionomia urbana nada que se compare com os núcleos de origem alemã de Santa Catarina. O mesmo podemos dizer de *Santa Cruz do Sul* (13.500 hab.), salvo quanto à sua majestosa matriz em puro estilo gótico. Apenas a população, bem marcada pelo elemento louro, denuncia a presença de um centro de colonização européia. Já o mesmo não se poderá afirmar a respeito de *Caxias do Sul* (32.200 hab.), graças ao predomínio das casas de madeira, do uso intensivo da carroça de quatro rodas ou à frequência com que se encontram mulheres montadas a cavalo, o que positivamente não é comum nas comunidades genuinamente brasileiras. Entretanto, em qualquer dessas cidades, sente-se com facilidade uma animação e uma atividade que muito bem refletem o teor de seu progresso e de sua vida econômica. Constitui um prazer encontrar-se algo de original e de novo para adquirir, produzido no próprio local e com uma perfeição que desafia a concorrência estrangeira.

Na Planalto do Alto Uruguai, a floresta sub-tropical e a mata da araucária têm um outro inimigo: são as *serrarias*. A indústria

(8) VALVERDE (Orlando), *Excursão à Região Colonial Antiga do Rio Grande do Sul*, na Revista Brasileira de Geografia, ano X, n.º 4, outubro-dezembro de 1948.



*A tosquia da lã*

A criação de carneiros é uma das especialidades da Estância de São Francisco do Pinhal. A fotografia inferior mostra uma ovelha no momento de ser tosquiada. (Fotos do autor).



madeireira caracteriza, sem dúvida alguma, a área servida pela via-férrea, ao norte de Passo Fundo. A partir de Coxilha, pode-se dizer, cada estação da "V. F. R. G. S." corresponde a um centro madeireiro. *Getúlio Vargas* (antiga Erechim) e *Erechim* (antiga Boa Vista do Erechim, depois José Bonifácio) são centros de destaque, nesta área: sobretudo Erechim (15.000 hab.) merece uma referência especial, porque não possui apenas inúmeras serrarias, mas também conta com a presença de moinhos, fundições, fábricas de vinhos e doces, etc., sendo importante núcleo de origem italiana.

**Os grandes horizontes do Planalto.** — Conhecemos mais de perto o vasto Planalto arenito-basáltico do Rio Grande do Sul, no trecho correspondente ao que certos mapas gaúchos denominam de *Coxilha Grande*, que não passa de um mal definido divisor de águas entre as bacias dos rios Uruguai e Jacuí.

A topografia regional caracteriza-se por ser levemente ondulada, apresentando com frequência as depressões rasas — os "banhados". Por se tratar de uma área de "divortium aquarum", a rede drenagem é extraordinariamente escassa, não oferecendo mais do que modestíssimos cursos d'água. A vegetação rasteira, que tão bem define as *campinas* sul-riograndenses, representa o grande elemento natural da paisagem; e a pobreza ou permeabilidade de seu solo, provavelmente oriundo do arenito de Caiuá (9), vê-se atestada pela predominância desagradável da "barba de bode". As árvores constituem verdadeiras exceções e só aparecem sob a forma de "capões", de áreas reduzidas. A mesma monotonia, que caracteriza as *campinas* da Depressão, também ali se observa, com a diferença que a vista não encontra, para qualquer lado que nos voltemos, nenhuma saliência do relêvo a limitar aqueles grandes e intermináveis horizontes.

Trata-se de um quase deserto, no que se refere às marcas deixadas pelo homem: os rebanhos se perdem naquelas imensas amplidões e a monotonia só é quebrada, de quando em vez, pela presença das *estâncias*, que se vêm caracterizadas não apenas por duas ou três construções, de proporções modestas, como pela aglomeração de árvores, que lhes dão sombra.

Tivemos ocasião de visitar a *Estância de São Francisco do Pinhal*, situada no município de Júlio de Castilhos e de propriedade do sr.

(9) Veja NOGUEIRA (Paulo de Castro), *Regiões Fisiográficas do Estado do Rio Grande do Sul*, em "Geologia e Metalurgia", publicação do Centro Moraes Rego, n.º 5, São Paulo, 1948 — pág. 77.

Horácio de Mascarenhas. No meio de araucárias, que lhe justificam o nome, ergue-se a séde da estância, simples mas confortável. Próximo dela, o "galpão", excepcionalmente construído de pedra. Criam-se ali carneiros de raças inglesas e "merinos", que fornecem lã, vendida em São Gabriel, de onde toma o rumo dos centros têxteis de São Paulo. Os bovinos são de raça Chrolêsa, tendo o proprietário importado exemplares diretamente da França. Nas pastagens naturais da estância, vivem de 40 a 50 cabeças de gado em cada 87 hectares. Banheiros carrapaticidas e sarnicidas defendem os bovinos e ovinos contra êsses flagelos da vida pastoril.

**O Rio Grande do Sul e a Geografia.** — Da rápida visita que fizemos ao Rio Grande do Sul, trouxemos a convicção de que aquêl Estado representa um admirável laboratório para a pesquisa geográfica, tantos são os contrastes de suas paisagens, naturais ou humanisadas, tais são os problemas que estão à espera de uma solução.

Realmente, se acrescentarmos às paisagens apenas esboçadas na presente nota as correspondentes ao Litoral, à Campanha e à zona pioneira do vale do Uruguai, para só citar algumas das mais expressivas, teremos diante dos olhos um mosaico realmente fascinante para o espírito de qualquer geógrafo.

Mas há ainda os problemas apresentados pela geografia gaúcha. Já nos referimos aos do estuário do Guaíba, do delta interior do Jacuí e da sua curiosa rede de drenagem. Poderíamos acrescentar o da origem das campinas sul-riograndenses: serão naturais ou resultam da ação secular do homem ali fixado? Admitida a primeira hipótese, como explicá-las de maneira satisfatória, se aparecem tanto na Depressão paleozóica como no Planalto triássico e não diferem substancialmente das que existem noutras latitudes, como é o caso das campinas da região de Itapetininga, em território paulista?

São problemas de geografia física, aos quais podem ser acrescentados outros de geografia humana: os historiadores e sociólogos terão explicado suficientemente a presença dos 200.000 negros existentes no território do Rio Grande do Sul? existirá, entre as propriedades rurais daquele Estado, algo que se assemelhe às nossas "fazendas" de culturas?

Tudo isso é mais do que suficiente para que as atenções dos verdadeiros geógrafos de nosso país voltem-se, sem demora, para os encantadores rincões da Terra Gaúcha.